

Flâneur em San José: circulação da obra de Walter Benjamin na Costa Rica

Allan Vyctor Araujo Xavier ¹

Resumo: Quais textos traduzidos e publicados de sua obra fragmentada encontraria Walter Benjamin nas bibliotecas e livrarias se visitasse a capital costarriquenha, San José? Para sua surpresa ou deleite, quais partes de seus escritos difusos encontraria: textos sobre Marxismo ou Misticismo? Este artigo propõe-se a evocar espiritualmente a figura de Walter Benjamin por meio da experiência estética de caminhar pelas ruas estreitas e vibrantes da cidade da Costa Rica. Contemplando as paisagens exuberantes das trilhas diuturnamente, e à noite, degustando cafés e drinks, ele faria dois rápidos passeios: aos prados da *Universidad Nacional de Costa Rica*, onde certamente visitar a Biblioteca Central da UNA estaria em seus planos, e tomar um rápido café no *Paseo de las Flores*, seguido de uma visita a uma livraria internacional para analisar os textos seus ali encontrados. Envolvido pela aura da cidade costarriquenha, Benjamin vagaria por entre os volumes e prateleiras, a fim de encontrar ressonantes traduções de seus escritos. A pesquisa delinea, assim, um trajeto poético e acadêmico, revelando através dos textos/edições encontradas nesse *locus*, uma pequena história da tradução da obra benjaminiana na Costa Rica. A fundamentação argumentativa-teórica situa-se no âmbito dos Estudos Historiográficos Editoriais da Tradução, dialogando com os pensamentos Michel Espagne (2013) e Pascale Casanova (2002;2019).

Palavras-chave: Walter Benjamin; Circulação e Tradução, Transferência Cultural, Costa Rica, Experiência Estética.

Title: Flâneur in San José: The Circulation of Walter Benjamin's Work in Costa Rica

Abstract: Which translated and published texts of his fragmented work would Walter Benjamin encounter in libraries and bookstores if he were to visit the Costa Rican capital, San José? To his surprise—or delight—which parts of his dispersed writings would he find: texts on Marxism or on mysticism? This article proposes to evoke the figure of Walter Benjamin in a spectral manner, through the aesthetic experience of wandering the narrow and vibrant streets of San José. Amid lush urban landscapes by day and cafés and drinks by night, Benjamin is imagined as undertaking two brief excursions: one to the grounds of the Universidad Nacional de Costa Rica, where a visit to the UNA Central Library would certainly be part of his itinerary, and another to the Paseo de las Flores, followed by a stop at an international bookstore to examine the texts available there. Immersed in the aura of the Costa Rican city, Benjamin would drift among volumes and shelves in search of resonant translations of his writings. The article thus traces a poetic and scholarly itinerary that reveals, through the editions encountered in this locus, a small history of the translation and circulation of

¹ Professor de Língua Alemã e doutorando em Estudos da Tradução, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4692-5109>

Benjamin's work in Costa Rica. The theoretical framework is situated within Editorial Historiographical Studies of Translation, engaging in dialogue with the concepts of cultural transfer developed by Michel Espagne (2013) and the theory of the world literary space proposed by Pascale Casanova (2002; 2019).

Keywords: Walter Benjamin; Circulation and Translation; Cultural Transfer; Costa Rica; Aesthetic Experience.

Introdução: um flâneur *contrafactual* em San José

Quais textos traduzidos e publicados de sua obra fragmentada encontraria Walter Benjamin nas bibliotecas e livrarias se visitasse a capital costarrriquenha, San José²? A inquietação que inaugura este artigo exige, como chave metodológica, um exercício crítico de imaginação: um experimento *contrafactual*³. Provocados pelo convite benjaminiano, propomos uma historiografia que a "escove a história a contrapelo" (Benjamin, 1987), como a máxima formulada na sétima tese de *Sobre o conceito de história*. Se delinham nos limites deste trabalho, uma historiografia da tradução que se desenvolve no limiar da *contrafactualidade* histórica, da verossimilhança da ficção e da efetividade dos fatos, ou se quisermos dizer de outro modo, o texto se desdobra entre o fato histórico efetivo e o que poderia ter sido. Há uma cova que se faz presente no tempo-de-agora, destarte, precisamos escavar os fatos, exumar os mortos, fazê-los falar. Nossa hipótese é de todo *contrafactual*: e se Benjamin não tivesse encerrado sua travessia em Portbou? E se tivesse conseguido fugir do jogo certo no xadrez da morte? E se sua figura errante pudesse nos acosar, assombrando dialeticamente nossas bibliotecas, caminhando anonimamente pelas vitrines da *Librería Internacional*, sentando-se nos bancos do *Paseo Colón*, observando a cidade como quem lê um palimpsesto?

O Espírito prevalece. Para nós, neste artigo, Benjamin não morreu, seu Espírito nos *persegue*. Há algo de inevitável na possessão por um autor que escolhemos como objeto-sujeito

² Expresso meus agradecimentos à *Golden Valley School* pela acolhida e apoio durante minha estadia na Costa Rica. A oportunidade de ser docente de língua alemã foi fundamental para a realização desta pesquisa de campo. O tempo, o espaço e os recursos disponibilizados foram essenciais para o desenvolvimento do meu trabalho, e sou imensamente grato pela generosidade da Escola. <https://goldenvalleyschool.com/>

³ Inspirados na metodologia proposta por Carlos Eire (2009) no livro organizado por Burke e Hsia, que parte da *contrafactualidade* histórica para analisar o papel da tradução na obra e na vida de Santo Inácio de Loyola, adotamos em nosso artigo uma estrutura análoga. Tal como o autor, que investiga a tradução como eixo estruturante da espiritualidade jesuíta e do catolicismo moderno, iniciamos com projeções hipotéticas sobre o passado, articuladas ao presente, para em seguida confrontá-las com evidências documentais da historiografia da tradução.

de pesquisa. Ao adentrarmos sua obra, ele também nos atravessa. E em algum momento, ele passa a caminhar conosco. É assim que Benjamin reaparece aqui: não como o pensador fossilizado da teoria crítica, mas como um *flâneur* contrafactual, mas de espírito reencarnado nas ruas de San José. A ficção não é fortuita. Ela é, antes, um dispositivo epistemológico que nos permite abordar de maneira sensível as operações de recepção e circulação de sua obra em contextos latino-americanos. Essa ficção crítica é amparada, contudo, por um Benjamin profundamente real: o viajante incansável, o autor dos diários de juventude, o cronista de Nápoles, o observador dos cafés parisienses. Ele viajou por desejo, por exílio, por amor. Viajava por prazer, como nas escapadas à costa mediterrânea espanhola nos anos 1920, onde buscava os raios ibérico-solares para bronzear sua pele berlinense. Viajou por paixão, como quando cruzou fronteiras para reencontrar Asja Lacis, sua companheira letã, atriz e diretora de teatro. Viajou também por necessidade, como tantos foragidos e flagelados da terra, em direção a uma Europa em colapso. O trânsito é, portanto, parte constitutiva de sua forma de pensar: Benjamin pensa com os pés.

Nessa chave de possibilidade argumentativa, trazê-lo à América Central não é de todo uma excentricidade, mas uma leitura da reconfiguração possível do deslocamento de seu pensamento crítico, já tão presente ao redor do mundo. Nosso Benjamin caminha pelas ruas de San José como o flâneur descrito nas *Passagens*, embriagado pelos drinks e pelo deslocamento, seduzido por nomes de rua, por vitrines esquecidas, por praças em reforma. O trecho do *Convóluto M 1,3* ressoa aqui como descrição profética: “Uma embriaguez apodera-se daquele que, por um longo tempo, caminha a esmo pelas ruas [...] cada vez mais irresistível torna-se o magnetismo da próxima esquina [...] até desmaiar de exaustão em seu quarto, que o recebe estranho e frio” (Benjamin, 2006, p. 462). San José seria, nesse experimento, esse quarto provisório, acolhedor e estrangeiro, de um recém exilado.

Nosso objetivo, então, é trivial em sua forma e denso em suas implicações: investigar quais textos de Benjamin, em quais traduções e com quais mediações editoriais estão disponíveis hoje nas bibliotecas e livrarias da capital costarriquenha. A partir dessa perquirição, buscamos observar como se estende, através da pesquisa de cidade⁴[1], a recepção de sua obra

⁴ Em um plausível jogo de linguagem, substituímos o termo "pesquisa de campo" por “pesquisa de cidade”. Nossa investigação acontece na cidade, como espaço vivido e disputado politicamente, propondo uma reorientação do olhar sobre esta. A cidade é o próprio método. Cunhamos, assim, o termo *pesquisa de cidade*, em possível diálogo com o conceito alemão de *Stadtforschung*, usado nos estudos urbanísticos para designar a investigação da cidade em suas múltiplas dimensões: sociais, históricas, geográficas. Mas, enquanto a *Stadtforschung*, parte do urbanismo

em um contexto periférico do circuito global de ideias, periférico, mas não passivo, como veremos. Nosso ponto de partida são as edições encontradas em dois espaços-chave: a Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras da *Universidad Nacional da Costa Rica* (UNA) e a *Librería Internacional* do *Paseo de las Flores*, o principal shopping center da cidade costarriquenha. Esses lugares, distintos em sua natureza arquitetônica e difusos também na diversidade de seu público, representam dois modos de apropriação do livro: o acadêmico e o mercadológico.

A abordagem teórica mobilizada neste artigo dialoga com os Estudos da Tradução, a Historiografia da Tradução e os Estudos Literários, com ênfase nas contribuições de Michel Espagne (2013) e Pascale Casanova (2002; 2019). Para Espagne, as traduções podem ser compreendidas como vetores de transferências culturais, operações que transladam textos e os transformam segundo interesses editoriais, institucionais e geopolíticos. Casanova, por sua vez, analisa as hierarquias que estruturam o espaço literário mundial, evidenciando como determinados centros — Paris, por exemplo — operam como instâncias de legitimação cultural. É a partir desse horizonte teórico que o texto se constrói como uma leitura situada da circulação editorial de Walter Benjamin, ancorada na observação direta dos volumes, na atenção aos seus elementos paratextuais e no registro fotográfico realizado ao longo das visitas aos espaços analisados. Essa etnografia da circulação editorial se configura, ao mesmo tempo, como uma leitura dos rastros de Benjamin em lugares onde sua presença é simultaneamente silenciosa e clarividente: livros que dormem nas prateleiras, à espera de serem reencontrados. O artigo propõe, assim, um pequeno desvio: uma caminhada teórico-ficcional pelas ruas de San José, na companhia de um Benjamin reimaginado, cujo espírito parece impresso na letra de seus livros. Acompanharemos seu movimento sem corpo em direção às estantes da Biblioteca da UNA, entre volumes da coleção *Iluminaciones*; depois, veremos bruxo de Berlim reaparecer espelhado nas vitrines da *Librería Internacional*, sob formas ilustradas, coloridas, quase pop. Vamos, então, embarcar nessa travessia. Nosso personagem está pronto. O feitiço está feito.

acadêmico, a *pesquisa de cidade* aqui proposta se ancora no manguieio de rua, no andar de mãos abanando o nada, no estar atento ao cotidiano violento das cidades brasileiras. É nesse sentido que o radical *flân-* dá origem ao *flâneur* (/flanœʁ/) em francês, e em brasileiro, ecoa foneticamente em *flanelinha* (/flane'liɲɐ/). Essa partilha sonora das palavras denotada pelo radical, expressa uma semelhança, no sentido benjaminiano, aproximando os conceitos em *flân*: ambos caminham, ambos observam, ambos experienciam (*erfahren*) a cidade. Mas ocupam posições politicamente distintas, historicamente dessemelhantes. O flâneur é figura da modernidade europeia, observador distanciado e que aproxima o olho quando deseja, que passeia sem pressa. Já o flanelinha é figura urbana brasileira: precarizado em sua força bruta, invisibilizado, marcado pela luta diária, por sua sobrevivência de pão. Ele é o pesquisador da cidade por necessidade, o urbanista prático da rua enviesada, cuja “pesquisa” se dá nos improvisos, nas táticas driblando agentes do poder/violência. Ele observa sem métodos acadêmicos, mas com a sensibilidade afiada pelos cortes da experiência urbana mais crua.

San José nos espera. E Walter Benjamin, como sempre, caminha à frente.

Walter Benjamin, viajante do vasto mundo

Walter Benjamin foi habitado por cidades. Sua vida tonitruante, feita de deslocamentos incessantes, inscreveu-se no mapa do século XX como uma cartografia em movimento, uma errância intelectual em que cada cidade visitada se tornou a matéria viva de pensamento. Berlim foi o berço de sua infância e primeiros passeios, palco de suas memórias formativas (1892–1912), mas logo foi substituída por Freiburg, onde o jovem estudante se deixou atravessar pelas inquietações da metafísica (1912–1914). Em Munique e Berna (1915–1919), o conceito de crítica começa a tomar forma, enquanto Heidelberg (1920–1922) o recebeu como quem acolhe um peregrino das *afinidades eletivas*. Frankfurt, Berlim e Capri (1923–1925) viram florescer seu nomadismo acadêmico; e em Moscou (1925–1928), sua figura de intelectual judeu weimariano foi levada à geografia do extremo: ali, entre geadas e esperanças, ele buscava mais do que Asja Lacis, buscava o sentido político da forma e do afeto. Paris, Ibiza (1929–1932), e depois o exílio (1933–1934), marcam a virada para o “caráter destrutivo”: o pensador que vive entre ruínas, que escava nas cidades como quem investiga a memória. Em San Remo e Skovsbostrand (1935–1939), Benjamin perseguiu obsessivamente os fragmentos de Paris, enquanto escutava Baudelaire sussurrar os enigmas das passagens e das multidões. Por fim, Nevers, Marselha e Portbou (1939–1940) foram os últimos territórios de sua travessia, fronteiras físicas e existenciais — onde o anjo da história, ao olhar para trás, viu a Europa em colapso (Eiland; Jennings, 2014).

Benjamin viajou entre muitas cidades, um flâneur à procura de vestígios da modernidade ou de refúgios para suas aventuras amorosas, cruzou avenidas peçadas de cafés, arcadas esplêndidas que guardavam segredos seculares, e passou, sempre um pouco atrasado, por estações de trem moscovitas, onde o frio parecia suspender o tempo. Se atrasava porque lhe interessava as *passagens*: estava sempre atento aos murmúrios da história que ecoavam nos muros, nas calçadas gastas, nas vitrines luminosas que revelavam e ocultavam o mesmo instante. Benjamin viajou entre temporalidades, atravessando *teoricamente* séculos condensados no traçado de uma rua - basta lembrarmos as *passagens* -, peregrinou entre idiomas que se entrelaçavam como fios do tecido antigo da linguagem, moveu-se entre modos de entrever o mundo e substâncias alquímicas que transmutavam experiência em pensamento. Forjou sua obra tanto nos textos publicados avulsos quanto nas cartas de guerra e sobre o amor, onde a distância se tornava presença e a ausência, matéria de sua escrita. Cada cidade que

visitou, transpunha a seus olhos a porosidade do mundo; cada deslocamento, por mais breve que fosse, criava uma dobra no bolso de seu pensamento, uma fresta por onde a memória se infiltrava. Talvez, por isso, seja legítimo afirmar que sua obra abriga também uma literatura de viagem. Eiland e Jennings (2014, p. 13–30) sugerem essa leitura ao recordarem que Benjamin era, antes de tudo, um amante das viagens, não do turismo massificante, mas do deslocamento sensível que se demora nos detalhes, como lembra Aby Warburg, é exatamente neles que a Deusa habita. Seus textos, como o Diário de Moscou (1926–1927) ou as Denkbilder (1925–1934), registram com precisão essa travessia: um trânsito feito de paisagens urbanas, ritmos de rua, luzes de entardecer refletidas em fachadas úmidas, perfumes que escapam de portas entreabertas. Benjamin amava o trem noturno que corta o silêncio, a vitrine recém-inaugurada na passagem coberta, a cocotte que acena de um balcão e a embriaguez carnavalesca que, por uma noite, dissolvia hierarquias e fronteiras. Viajar para o corcundinha era colecionar instantes que, como fragmentos de um mosaico, compunham uma cartografia íntima e irrepetível.

Voltemos, então, ao centro da hipótese que guia este artigo: não seria tão absurdo imaginar o viajante Walter Benjamin caminhando pelas ruas de San José, capital exuberante da Costa Rica. Um flâneur errante, exilado nas esquinas da América Central. Se Benjamin tivesse desembarcado em solo costarricense nos últimos anos de sua vida, ou em alguma dobra do tempo, talvez fosse pelo refúgio e o exílio, mas por um desejo de habitar a língua espanhola, de escutar seus fonemas tropicais, de se aproximar de Baltasar Gracián ou Cervantes por meio da sonoridade viva do idioma (Poppenberg, 2019, p. 129). Tal imaginação não é infundada. Em carta escrita em abril de 1933 a Gretel Karplus, desde Ibiza, Benjamin menciona seus esforços frustrados em aprender espanhol: estudava com uma "gramática antiquada, com mil palavras e, por fim, um método sugestivo novo e refinado", mas confessava não ter feito grandes progressos (Benjamin, 1998, carta n° 774). Talvez, nesse cenário alternativo, Heredia lhe servisse como destino ideal para praticar o idioma nos cafés do *Paseo de las Flores*, entre livros e conversas com jovens leitores. Ali, quem sabe, Benjamin teria reconhecido os sinais da modernidade periférica: as vitrines internacionais justapostas a feiras de rua, os shoppings como passagens contemporâneas, os ônibus lotados como correspondentes das multidões baudelaireanas. Não é improvável imaginar que ele também teria visitado a Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras da *Universidad Nacional da Costa Rica* (UNA). Afinal, Benjamin viveu boa parte de sua existência nas sombras acolhedoras de bibliotecas, em especial da *Bibliothèque Nationale de France*. Nesses espaços, fez da leitura uma forma de escavação, da devoração de livros a crítica arqueológica. Em San José, talvez se detivesse diante das

prateleiras da seção de teoria crítica, fotografando com sua Leica os exemplares de seus próprios livros, estranhando, como quem olha uma versão deslocada de si mesmo, a escolha dos textos reunidos sob seu nome. Nesse sentido, seguimos a proposta de Michel Espagne (2013), que sugere que bibliotecas, universidades e centros urbanos, atuam como espaços privilegiados para investigar as transferências culturais. Benjamin, em nossa ficção crítica, se moveria justamente por esses portais: bibliotecas silenciosas e livrarias comerciais; calçadas largas e becos estreitos. Ele flanaria como sempre fez, à procura de imagens de pensamento, de ruínas com potencial revolucionário.

E entre uma caminhada e outra, após percorrer os prados universitários de Heredia, talvez tomasse um café rápido no shopping vizinho, antes de se dirigir à *Librería Internacional*. Ali, entre capas duras ilustradas e vitrines bem iluminadas, Benjamin se depararia com *La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica* transformada em artefato de luxo, com ilustrações vibrantes e sem qualquer nota de rodapé. Compraria por uma bagatela o exemplar com curiosidade crítica, talvez com ironia. Benjamin era, afinal, um leitor do mundo e o mundo, como sabemos, continua a lhe oferecer novas edições. Entre cafés, prateleiras e calçadas vibrantes, nosso flâneur espectral se embriaga de chiliguaro, talvez para se perder nas ruas, apenas para poder pensar melhor. É nesse vaivém pelas ruas e prateleiras que se inicia também o percurso material de suas ideias, uma circulação feita de livros, que carregam sua letra e de país em país, a força de sua obra.

Circulação e transferências culturais: aproximando conceitos

Livros são artefatos culturais. É a partir dessa compreensão que esta seção propõe um breve deslocamento conceitual, aproximando noções fundamentais do âmbito dos Estudos da Tradução, a fim de pensar a circulação da obra de Walter Benjamin para além de seus contextos de produção originais. Dito de outro modo e claramente, o objetivo é pensar como a tradução espalha um *pensamento*. Nesse sentido, dialogamos com dois marcos teóricos centrais: a teoria do espaço literário mundial, formulada por Pascale Casanova, e o conceito de transferência cultural, desenvolvido por Michel Espagne. Articuladas, essas abordagens permitem compreender a tradução como passagem de textos entre línguas, uma manifestação material de um campo de forças no qual circulam, colidem e se renegociam projetos intelectuais, valores estéticos e dinâmicas geopolíticas.

Em *A República Mundial das Letras* (2002), Casanova argumenta que o campo literário-

filosófico global não se constitui como um espaço homogêneo, tampouco puramente simbólico ou abstrato, onde os livros flutuam. Ao contrário, ele está estruturado por relações desiguais de poder, rivalidades entre línguas, disputas por prestígio e legitimação (Casanova (2021, p. 18). A tradução, nesse campo, é um instrumento de força cultural imposta pela linguagem do outro, operando no interior de um sistema marcado por centros dominantes e periferias. O capital literário, nos termos de Casanova (2002, p. 27–37), é construído em redes históricas que envolvem editores, tradutores, instituições e critérios de consagração que definem o que entra no cânone da *Republique*. A língua, como bem nos lembra Torres (2021, p. 11). é um elemento determinante nesse jogo, funcionando como marcador de hegemonia e como veículo de resistência. Essa perspectiva nos convida a pensar nos meandros pelos quais Benjamin chega à Costa Rica. Ao constatarmos que suas obras circulam principalmente por meio de traduções espanholas oriundas da Espanha, deparamos com um reflexo das hierarquias globais do saber: esses livros não são edições latino-americanas, mexicanas, argentinas ou centro-americanas. O livro traduzido viaja pela tradução em língua espanhola até a Costa Rica: ele carrega consigo marcas de origem culturais e escolhas editoriais que organizam a forma como o pensamento de um certo autor se apresenta, se *metamorfoseia*.

Ao lado de Casanova, o conceito de transferência cultural, formulado por Michel Espagne, nos permite lançar luz em direção a problemática, do sistema ao vestígio. Para Espagne (2013, p.7), as transferências culturais não se dispõem enquanto deslocamentos entre dois pólos (idiomas, países, centros), mas são processos de reinterpretação, *metamorfose* e ressemantização simbólica, textual, cultural. Cada tradução, cada edição, cada nota de rodapé é uma operação que transforma o sentido, é a afirmação de uma espécie de poder. Como escreve o autor, “*Un transfert culturel n’a jamais lieu seulement entre deux langues, deux pays ou deux aires culturelles : il y a quasiment toujours des tiers impliqués*” (Espagne, 2013, p. 3). Esses “terceiros” podem ser múltiplos e, neste caso específico, incluem: as editoras espanholas responsáveis pela curadoria dos textos de Benjamin; as redes comerciais que permitem sua circulação no mercado latino-americano; as bibliotecas e universidades costarriquenhas que os incorporam a seus acervos. O livro físico, com sua capa, seu papel, seu prefácio, suas notas ou sua ausência de notas, é o último produto da transferência cultural, é seu *artefato*. O tradutor, o editor, o crítico e o designer gráfico tornam-se vetores dessa transferência cultural, utilizando-se da edição, eles reelaboram o próprio discurso do autor, quando determinam a ordem dos textos, ou quando selecionam os fragmentos que devem compor o miolo final, apagando ou silenciando outras possibilidades, mas acima de tudo, posicionando uma forma de inserção de

linha editorial. Ao chegar às prateleiras de San José, um livro de Benjamin impresso em Madri, com prólogo escrito por um intelectual europeu, manifesta também a arquitetura global das hierarquias editoriais.

Uma análise mais aprofundada, que, por limites de escopo, apenas esboçamos aqui, poderia investigar, por exemplo, o papel de coleções como a *Biblioteca de Ensayo* da Editora Taurus, na década de 1970, na constituição de um cânone europeu benjaminiano que atravessa o Atlântico e se reconfigura em outros contextos culturais. Examinar com atenção e tempo o objeto-livro, analisando os elementos que compõem uma edição específica, é um caminho possível para adentrar as múltiplas camadas que constituem a ciência e a prática da editoração.

Ao analisar o próprio livro como artefato, como constructo editorial, poderíamos elencar questões que iluminam tanto o processo editorial quanto a recepção crítica: quais fatores orientaram as escolhas dos textos feitas pelos editores? Entre a fragmentada e vasta obra de Walter Benjamin, quais textos foram selecionados para tradução e com que consequências para a compreensão e recepção de seu pensamento? Por que priorizar ensaios filosóficos em detrimento de fragmentos políticos ou crônicas literárias? Optou-se por textos já consagrados no cânone mundial ou por escritos obscuros, de circulação restrita, pouco traduzidos? A leitura dos paratextos - prefácios, orelhas, notas, capas -, como propõe Genette (2009), pode demonstrar as intenções e estratégias editoriais que moldam *silenciosamente* a recepção desses mesmos textos. Essas escolhas não se limitam ao que é incluído ou está explícito nos textos: as ausências também falam. Quem são e como foram selecionados os tradutores? Quais suas trajetórias e formações intelectuais? Estariam eles ligados a determinadas correntes críticas ou escolas de pensamento que influenciam, mesmo de modo indireto, a tradução e a apresentação de Benjamin a novos públicos? Essa microanálise, situada no espaço liminar entre o texto e sua moldura editorial, permite tornar visíveis mecanismos materiais e simbólicos que configuram o que chamamos de “recepção benjaminiana”. Trata-se de uma história que este artigo busca ler, ainda que parcialmente, pelas margens, com a lente atenta do flâneur, com a escuta minuciosa do crítico e com a paciência meticulosa da bibliotecária que, ao reorganizar o mundo dos livros, o faz título por título, estante por estante.

Rastros editoriais: Benjamin nas prateleiras costarriquenhas

Se há um princípio que poderia guiar nosso percurso de análise, ele talvez seja aquele que Benjamin formulou com clareza: *ler o livro que está no mundo* (Benjamin, 2006, p. 462).

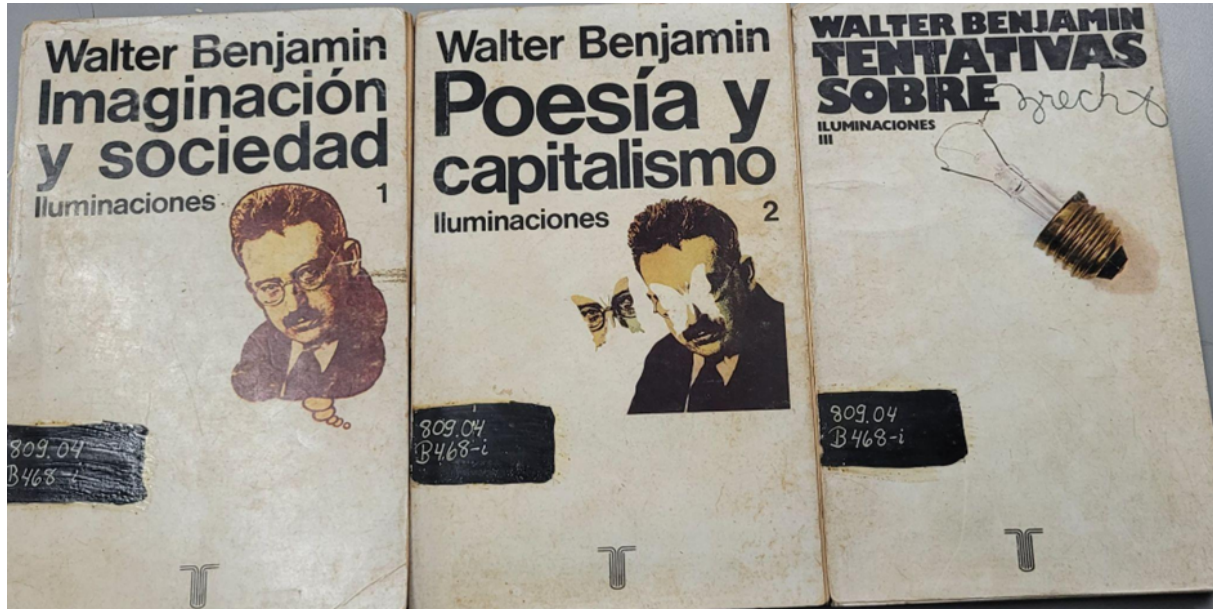
Com esse horizonte, voltamos o olhar para San José, capital costarriquenha, e para seus espaços de leitura: cafés e livrarias nos shoppings e bibliotecas universitárias. Se Benjamin percorreu as passagens de Paris e registrou em Moscou seus diários, perguntamo-nos: que paisagens de seus próprios textos ele encontraria hoje em Heredia ou em San José, em plena América Central?

Foi com essa pergunta que empreendemos o mapeamento dos lugares e sinais que nos chamaram a atenção, certamente lugares que Walter Benjamin também visitaria, observando a porosidade das ruas, fotografando os *livros do mundo*. Como flâneurs em missão crítico-poética, percorremos os corredores da Biblioteca Central da Universidad Nacional da Costa Rica (UNA) e as vitrines iluminadas da *Librería Internacional* no *Paseo de las Flores*. Com a câmera como aliada, objeto que Benjamin tão bem analisou em sua *Pequena História da Fotografia* (Benjamin, 1987, p. 91), registramos os livros expostos, anotamos títulos, capas, detalhes gráficos nos livros que estampavam WB nas suas capas. Produzimos imagens físicas de pensamento desse inventário, que é, como um contratempo musical: mapa, arquivo e relato de viagem ao mesmo tempo e formam os rastros concretos da presença de Benjamin no circuito editorial sul-americano-hispanófono e similarmente costarriquenho.

A fotografia é, aqui, compreendida como uma forma de pensamento. É nesse sentido que esta seção, frugal e necessária, se propõe a apresentar as edições encontradas, descrevendo seus dados técnicos, seus paratextos, seus formatos editoriais e suas soluções gráficas. Esse percurso se realiza por meio da articulação entre imagens e texto, não com o intuito de estabelecer um inventário exaustivo, mas de oferecer um levantamento inicial que funcione como resposta provisória à pergunta que orienta este artigo desde o início: *quais textos traduzidos e publicados de sua obra fragmentada encontraria Walter Benjamin se visitasse a capital costarriquenha?* Eis que a resposta se anuncia na própria materialidade dos volumes encontrados: nos títulos selecionados, nas capas, nos prefácios, na ausência de notas críticas ou na presença de imagens. As fotografias ilustram esse conjunto; elas falam por meio de suas cores, formas e disposições materiais. Como queria Benjamin, esses registros podem ser lidos como vestígios de uma constelação histórica, situada entre o livro e o leitor, entre o passado europeu e o presente tropical, entre o pensamento e sua circulação. Se Benjamin foi o teórico da aura espiritual da arte, é a partir dessas cenas conceituais que seguimos adiante, apresentando, a seguir, as edições encontradas — seus títulos, estruturas e formatos — como fragmentos de uma constelação benjaminiana nos trópicos, remontando em língua espanhola, o espírito de sua própria arte.

Benjamin na Biblioteca Central da UNA

Figura 1 – Livros de Walter Benjamin disponíveis na Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras da *Universidad Nacional da Costa Rica* (UNA).



Fonte: Autor (2024)

A recepção da obra de Walter Benjamin na América Hispânica se dá por meio de mediações editoriais que moldam a forma como determinados fragmentos de seu pensamento passam a circular e a ressoar em língua espanhola. Na Biblioteca da *Universidad Nacional da Costa Rica*, encontramos três volumes da editora Taurus que delineiam um recorte específico: *Imaginación y sociedad* (1998), *Poesía y capitalismo* (1999) e *Tentativas sobre Brecht* (1999), todos traduzidos por Jesús Aguirre, já consagrado por suas traduções de Goethe. Esses títulos, publicados sob a égide do projeto *Iluminaciones*, apresentam uma seleção fragmentária do corpus benjaminiano, uma montagem decidida para abranger certos temas, como arte, literatura e crítica cultural, deixando outros certamente à margem. Tal recorte não é fortuito: ele revela, como um negativo fotográfico, um processo de transferência cultural no qual tradução e edição operam como filtros e vetores. Tradutor e editor tornam-se protagonistas - diplomatas da *République Mondiale des Lettres* - mediadores culturais que, ao escolher quais textos comporão a imagem de Benjamin para o público hispano-americano-costarriquenho, moldam sua no objeto-livro os aspectos que determinaram sua recepção primeva, assim como determinam a própria legibilidade do Mago de Berlin. O que está em jogo quando um autor europeu é transplantado para o solo centro-americano? A operação se limita a repetir a lógica do

pensamento colonial, ou oferece ferramentas para sua crítica decolonial e suprassunção? Que silêncios são instaurados ou que sons ressoam? A disposição desses volumes nas estantes da UNA metaforiza essa recepção descontínua, marcada por lacunas e reiterações, *locus* onde a figura de Benjamin se recompõe segundo o olhar seletivo de quem o traduz e publica. Embora uma análise aprofundada das edições de *Iluminaciones* — e dos critérios que orientaram sua organização — fosse necessária para desvendar plenamente essas questões, este artigo opta por deixá-las em aberto. Em vez de responder, propõe-as como ponto de partida: provocações iniciais para pensar a circulação transatlântica das ideias, seus desvios e rotas, suas versões, suas ausências, suas partidas.

O primeiro volume da edição espanhola de *Iluminaciones I: Imaginación y sociedad*, publicada em 1998, reúne uma coletânea que gravita em torno de escritos e temas decisivos para o pensamento literário e cultural de Walter Benjamin. A capa exibe uma imagem emblemática de Walter Benjamin: seu olhar atento, filtrado pelas lentes dos óculos arredondados, fixa-se no leitor sempre que o volume é fechado, como se convocasse à escuta crítica de cada um de seus argumentos. A organização interna editorial contempla ensaios sobre Marcel Proust, André Gide, Franz Kafka e Julien Green, entrelaçados com reflexões sobre o surrealismo e a linguagem, compondo um panorama dos elementos centrais que nutriram a sensibilidade intelectual de Benjamin. Cada texto é seguido por notas explicativas de Jesús Aguirre que oferecem ao leitor chaves para compreender os contextos, conceitos e tessituras do pensamento benjaminiano. O prefácio *Walter Benjamin: Estética y revolución* traça as linhas gerais da obra do autor, apresentando-o como um “esteta revolucionário”, figura marcada pelas tensões e contradições da modernidade europeia.

O segundo volume, *Poesía y capitalismo*, retoma a fotografia de Benjamin na capa, mas com uma intervenção gráfica significativa: seus olhos aparecem recortados, afastados, como que deslocados do rosto, sugerindo um olhar analítico, distanciado, espectral. A lombada gasta do exemplar consultado na Biblioteca da UNA sinaliza sua passagem por muitas mãos, muitas leituras interrompidas ou retomadas. Este é o Benjamin Flâneur, o cartógrafo das ruínas modernas, cujos passos intelectuais percorrem a Paris do século XIX em direção ao projeto inacabado do *Livro das Passagens*. Dividido em três blocos — *O Paris do Segundo Império em Baudelaire*, *Sobre alguns temas em Baudelaire* e *Paris, capital do século XIX* —, o volume mergulha nas zonas de contato entre arte, urbanismo, mercadoria e alienação. Os ensaios, ora densos, ora fragmentários, compõem um retrato da cidade moderna como espaço de espetáculo e esquecimento, onde a figura do flâneur aparece como antena da experiência sensível em meio

à fantasmagoria da capital. Benjamin observa os efeitos da urbanização haussmanniana, do consumo e da transformação do tempo cotidiano com uma atenção crítica rara: entre o progresso técnico e a perda da experiência, entre a imagem e o esquecimento. O volume se abre com o paratexto-prefácio de Jesús Aguirre, *Walter Benjamin: Fantasmagoría y objetividad*, no qual o tradutor propõe uma leitura que articula imagem e conceito, subjetividade e crítica social. Aguirre destaca a sensibilidade de Benjamin para as formas ideológicas da modernidade, especialmente as ilusões produzidas pela mercadoria e pela organização espetacular da vida urbana. O prefácio coloca Benjamin como leitor das aparências, crítico da opacidade social, pensador dos resquícios. Notam-se, contudo, ausências significativas no volume: diferentemente do primeiro tomo da coleção, aqui não há notas explicativas do tradutor.

O terceiro volume da coleção *Illuminaciones*, consultado na Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidad Nacional da Costa Rica, reúne escritos de Walter Benjamin centrados em seu diálogo crítico com a obra de Bertolt Brecht. Intitulado *Tentativas sobre Brecht*, o volume se organiza em torno da tensão entre forma estética e prática política, retratando um Benjamin em sua fase mais diretamente engajada. O livro é precedido pelo paratexto-prefácio de Jesús Aguirre, *Walter Benjamin en un camino que no es el de Damasco*, no qual o tradutor recusa qualquer leitura redentora ou messiânica do autor, enfatizando, ao contrário, seu compromisso materialista, sua recusa à revelação e sua adesão a um marxismo heterodoxo, feito mais de perguntas do que de dogmas. A coletânea inclui duas versões de *¿Qué es el teatro épico?*, além de ensaios como *Estudios sobre la teoría del teatro épico*, *Comentando a Brecht*, *Un drama de familia en el teatro épico* e *El país en que no se permite nombrar al proletariado*. A esses textos somam-se comentários agudos de Benjamin sobre poemas de Brecht, uma resenha de *La novela de cuatro cuartos*, o célebre *El autor como productor* e o diálogo em forma de ensaio *Conversaciones con Brecht*. Trata-se de um Benjamin que pensa a arte como intervenção, como dispositivo crítico e pedagógico, como forma capaz de reconfigurar a sensibilidade coletiva. Esse volume oferece uma das faces mais políticas do autor berlinense: a da arte como campo de batalha simbólica-real, como estrutura em disputa. Mais do que reafirmar convicções, esses textos desvelam um Benjamin em movimento, inquieto diante das possibilidades e dos limites da arte em tempos de crise.

Como se pôde perceber, nosso objetivo até aqui não foi julgar - *urteilen*, no alemão que nos convida ao veredicto - mas simplesmente indicar, mostrar, sugerir. Preferimos os verbos latinos: dizer, apontar, tornar visível o que se oculta nas margens das escolhas editoriais. A recepção de Benjamin na UNA nos anuncia um autor montado em mosaicos textuais, mediado

por traduções e edições que delimitam o campo de sua inteligibilidade. Agora, deslocamos nosso olhar, e com ele o próprio Espírito Intelectual de Benjamin para outro espaço de circulação comercial de livros: a *Librería Internacional del Paseo de las Flores*, esse shopping envidraçado onde o pensamento e a crítica benjaminiana se reencontram com a mercadoria sob forma de livro. Lá, buscamos o tradutor de Baudelaire não mais nas bibliotecas silenciosas e vazias, mas entre vitrines iluminadas, onde a filosofia se converte em design editorial e o livro em *artefato* do desejo consumista. Encetamos aqui outra etapa de nossa análise: os livros do Crítico Berlimense como produtos de luxo, entregues à estética do consumo.

Benjamin na *Librería Internacional no Paseo de las Flores*

Figura 2 – Livros de Walter Benjamin disponíveis na *Librería Internacional no Paseo de las Flores*.



Fonte: Autor (2024)

No coração do Shopping Center “Paseo de las Flores”, entre vitrines cuidadosamente iluminadas e o vaivém das sacolas de grife, encontramos Walter Benjamin. Mas não o Benjamin das barricadas teóricas nem o crítico do fetiche mercantil. Encontramos outro: ilustrado, reencadernado, reinterpretado por cores. Nas prateleiras da *Librería Internacional*, suas obras surgem como objetos de desejo de leitores da coleção “Alma Pensamiento Ilustrado”, da Editorial Alma. A foto (Figura 1), feita *in locus*, responde à pergunta do artigo: como circula Benjamin na Costa Rica de hoje? A Editorial Alma, sediada em Barcelona, se apresenta com ares de manifesto: “¡Los mayores influencers de todos los tiempos!” estão no centro de seu projeto editorial, voltado a um público amplo, mas interessado em cores e imagens, transforma livros clássicos da filosofia e da literatura em *artefatos culturais*. Livros para ler com os olhos cheios de cores, Livros para presentear. Livros para serem certamente roubados. Livros caros que combinam com a mesa de centro em madeira. As capas duras, o papel espesso e os tons vivos dão o tom de um Benjamin que foi esteticamente traduzido e reinterpretado. Na edição de *La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica* (Editorial Alma, 2023), a tradutora Silvia Fehrmann oferece mais uma tradução do ensaio, enquanto as ilustrações de Arnal Ballester envolvem o texto com camadas de laranja, azul, cinza e o amarelo cálido do papel. A cada página, conceitos densos como “aura”, “reprodutibilidade”, “perda” se desdobram em traços geométricos, figuras etéreas, olhos suspensos. A linguagem visual de Ballester não explica nada, mas insufla com imagens o pensamento.

Ao lado, a edição de *Calle de dirección única* (Editorial Alma, 2023), traduzida por Ariel Magnus, aposta na mesma fórmula de livros que lembram a Cosac Naify: capa dura, design vibrante e novamente Ballester à frente da paleta visual, desta vez oscilando entre amarelos cremosos e azuis profundos. A escolha dessa obra reforça a curadoria editorial da Alma: textos fragmentários, reflexivos, aforísticos, mais facilmente convertíveis em “pílulas de sabedoria” e passagens destacáveis para redes sociais. Não se publica aqui *As teses sobre o conceito de história* ou *O autor como produtor*, mas textos que se prestam, sob algum aspecto, à estetização. Os livros da Editora Alma podem ser portas de entrada. A jovem leitora que compra *La obra de arte* pela capa talvez descubra ali algo que a leve às edições da Taurus. Talvez se pergunte sobre o que está implícito naquelas imagens flutuantes. Talvez deseje saber mais. A filosofia densa e caudalosa, sendo lentamente diluída, pode fermentar/fomentar o movimento do pensar. Há, porém, um contraste evidente: nas bibliotecas da *Universidad Nacional* de Costa Rica repousa um Benjamin impassivelmente militante nos volumes da Taurus, com traduções e notas críticas extensivas. Já nos shoppings de San José, reina o Livro

do Benjamin decorativo, ilustrado, colorido, selecionado para agradar a todos os públicos. São produtos de seus contextos. *Artefatos*. Por ora, Benjamin circula na Costa Rica sob o signo da duplicidade: como instrumento de formação do pensamento crítico acadêmico e como fetiche cultural sob a forma de produto. A *Librería Internacional* vende um Benjamin de vitrine, embrulhado para presente. A UNA conserva o Benjamin de estudo, sublinhado, marginalmente anotado. E entre essas duas capturas, acadêmica e mercadológica, abre-se a pergunta que norteia este artigo: quem traduzirá Benjamin para os que não frequentam livrarias chiques? Quem o fará falar não apenas das galerias de Berlim e Paris, mas também das praças de San José ou nos arredores do Largo da Alfândega?

À guisa de conclusão: Walter Benjamin, um espírito entre livros e ruas

A incursão contrafactual empreendida ao longo deste artigo, guiada pelo espírito errante-viajante de Walter Benjamin, buscou delinear modos de recepção de sua obra em um contexto *periférico* do espaço literário mundial. Ao imaginar o *flâneur* benjaminiano atravessando bibliotecas e livrarias de San José, tornou-se possível observar, de maneira situada, como os processos de tradução, circulação e legitimação editorial operam fora dos grandes centros de consagração cultural. Nas bibliotecas da *Universidad Nacional da Costa Rica*, Benjamin surge de forma fragmentada, porém diversa: um autor multifacetado, acessível sobretudo por meio das edições da Taurus, organizadas por Jesús Aguirre, que compõem a coleção *Iluminaciones*. Trata-se de um recorte específico de sua obra, já mediado por decisões editoriais tomadas em outro espaço cultural e linguístico. Em contraste, a *Librería Internacional*, situada no Paseo de las Flores, apresenta um Benjamin fortemente estetizado, convertido em objeto de desejo cultural pelas edições ilustradas da Editorial Alma. Nelas, textos como *La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica* e *Calle de dirección única* reaparecem envoltos por um design vibrante, que suaviza e reencena, para um público ampliado, a densidade crítica de seus conceitos. Essas duas formas de presença — a institucional, ligada à biblioteca universitária, e a mercantil, associada à livraria de grande circulação — evidenciam, em chave empírica, aquilo que Michel Espagne descreve como processos de transferência cultural: a obra não apenas circula, mas se transforma ao atravessar fronteiras editoriais, linguísticas e geopolíticas. Ao mesmo tempo, a predominância de traduções espanholas, provenientes de editoras sediadas em centros hegemônicos de produção cultural, confirma as hierarquias descritas por Pascale Casanova, nas quais línguas e mercados centrais continuam a mediar o acesso periférico ao patrimônio literário mundial. A quase ausência de traduções

costarriquenhas da obra de Benjamin não deve, portanto, ser lida como um simples dado empírico, mas como um sintoma dessas assimetrias estruturais: ela revela tanto a dependência editorial quanto os limites da autonomia cultural no processo de recepção do pensamento benjaminiano na região. Morto no corpo, Benjamin permanece vivo no espírito, errante entre línguas, traduções e edições que reinventam continuamente sua obra. Ele persiste nas ruas, nos cafés, nos sublinhados de um estudante, na estante de uma biblioteca pública, na vitrine de uma livraria em um shopping center. Ecoa ali onde há inquietação e desejo de pensar o mundo a contrapelo. Este artigo não encerra a discussão. Como sugeriria o próprio Benjamin, a tarefa do crítico não é catalogar o que já está dado, mas iluminar o que ainda pode vir a ser. Nesse sentido, a presença espectral de Benjamin em San José não se dá como ponto de chegada, mas como um convite: um ponto de partida para novas traduções, outras circulações e novas errâncias intelectuais pelas ruas de uma cidade que, como Paris ou Berlim, também abriga suas passagens secretas à espera de um flâneur.

Referências

AGUIRRE, Jesús. Walter Benjamin. Estética y Revolución. In: BENJAMIN, Walter. *Iluminaciones I: Imaginación y sociedad*. Tradução de Jesús Aguirre. Madrid: Taurus, 1998. p. 5–15.

AGUIRRE, Jesús. Walter Benjamin: Fantasmagoría y objetividad. In: BENJAMIN, Walter. *Iluminaciones II: Poesía y capitalismo*. Tradução de Jesús Aguirre. Madrid: Taurus, 1998. p. 9–20.

AGUIRRE, Jesús. Walter Benjamin en un camino que no es el de Damasco. In: BENJAMIN, Walter. *Iluminaciones III: Tentativas sobre Brecht*. Tradução de Jesús Aguirre. Madrid: Taurus, 1998. p. 9–14.

BENJAMIN, Walter. *Calle de dirección única*. Tradução de Ariel Magnus. Ilustrações de Arnal Ballester. Barcelona: Editorial Alma, 2023.

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Briefe: 1931-1934*. Edição de Christoph Götde e Henri Lonitz. v. 4. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998. (Coleção Theodor-W.-Adorno-Archiv).

BENJAMIN, Walter. *Iluminaciones I: Pensamiento y lenguajes*. Madrid: Taurus, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Iluminaciones II: Baudelaire, un poeta en el esplendor del capitalismo*. Madrid: Taurus, 1998.

BENJAMIN, Walter. *La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica*. Tradução de

Silvia Fehrmann. Ilustrações de Arnal Ballester. Barcelona: Editorial Alma, 2023.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política – Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Organização de Rolf Tiedemann. Colaboração de Willi Bolle e Olgária Chaim Feres Matos. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Tentativas sobre Brecht. Iluminaciones III*. Madrid: Taurus, 1998.

BURKE, Peter; HSIA, Ronnie Po-chia (Orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.

CASANOVA, Pascale. *A língua mundial: tradução e dominação*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres. Florianópolis: Editora da UFSC; Brasília: Editora UnB, 2021.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

EILAND, Howard; JENNINGS, Michael W. *Walter Benjamin: a critical life*. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

EIRE, Carlos. A piedade católica moderna em tradução. In: BURKE, Peter; HSIA, Ronnie Po-chia (Orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 95–113.

ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel. *Revue Sciences/Lettres*, n. 1, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rsi.219>. Acesso em: [15 mar. 2025].

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

POPENBERG, Gerhard. *Benjamins Trauerspielbuch und das spanische Barock: Überlegungen ausgehend von zwei Neuerscheinungen zum Thema (Geisenhanslüke 2016 und Vargas 2018)*. PhiN: Philologie im Netz, Berlin, n. 87, p. 125–133, 2019. Disponível em: <http://www.phin.de>. Acesso em: 15 mar. 2025. ISSN 1433-7177.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Nota da tradutora. In: CASANOVA, Pascale. *A língua mundial: tradução e dominação*. Florianópolis: Editora da UFSC; Brasília: Editora UnB, 2021. p. 11–17.